Moagem

A orla ribeirinha do concelho do Barreiro foi, desde a Idade Média, um espaço privilegiado para a edificação de engenhos moageiros, numa primeira fase hidráulicos e posteriormente eólicos.
Os mais antigos moinhos de maré, os da Verderena, foram edificados em 1484 e hoje, dessa estrutura, nada resta. Este antigo complexo moageiro, constituído por dois moinhos de maré independentes, mas unidos, foi até ao século XIX a fronteira física do primitivo concelho do Barreiro.
Dos onze moinhos de maré referenciados ainda se encontram no concelho do Barreiro os moinhos de maré de Coina, Telha, Palhais, Grande, Pequeno, e vestígios do moinho do Cabo, em Alburrica, e do moinho de El Rei, em Vale de Zebro. Este último era no séc. XV o maior do estuário do Tejo, com 8 moendas, mas foi suplantado no Barreiro pelo do Braamcamp (séc. XVIII) com 10 moendas.
Mais tarde, nos finais do século XVIII e até à segunda metade do século XIX o território será ocupado por moinhos de vento, dos quais apenas chegaram aos nossos dias os de Alburrica e do Jim.

Vinha e produtos agrícolas

As vinhas da margem Sul do Tejo aparecem referenciadas nos documentos mais antigos sobre a região – século XII – e atestam a importância da atividade vitivinícola, que desbravou grande parte da primitiva charneca de pinhal que cobria o território.
No que respeita ao espaço que é hoje o concelho do Barreiro estas referências remontam a 1257, para Coina e a 1298, para o Lavradio.
Na primeira metade do século XIX, mais de um terço do solo do concelho do Barreiro está cultivado e em grande parte com vinhas.
O destaque da produção vínica foi dado ao longo dos tempos pelo vinho da Barra a Barra e pelo afamado *Bastardinho* licoroso e fino que, em Lisboa, era bebido nas melhores casas e era exportado para muitas das cortes europeias.